

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA E VARIEDADES REGIONAIS DO ESPANHOL: UM ESTUDO SOBRE AS ATITUDES LINGUÍSTICAS*Spanish language learning and regional varieties of Spanish: a study of language attitudes*

Aline Silva GOMES
Universidade do Estado da Bahia
asgomes@uneb.br
<https://orcid.org/0000-0001-7018-5993>

Rebeca Silva SANTOS
Universidade do Estado da Bahia
rebeca.stos00@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2343-8668>

RESUMO: Neste estudo, temos por objetivo principal avaliar as atitudes de estudantes baianos no que tange à diversidade linguística do espanhol e apontar os elementos que podem influenciar (ou não) as suas atitudes durante o processo formativo. A pesquisa realizada é de natureza qualitativa e interpretativista. Para realizá-la, investigamos 6 alunas matriculadas em um Curso de Letras-Espanhol oferecido por uma universidade pública localizada em Salvador/Bahia. As informações analisadas foram coletadas por meio de questionários e de entrevistas. Como resultado, notamos que as participantes do estudo adotaram os seguintes critérios de julgamento das variedades do espanhol: i) pronúncia (aspectos segmentais e suprasegmentais do idioma); ii) facilidade ou dificuldade de apreensão oral; e iii) identificação cultural (acesso a produtos filmicos e musicais de países hispânicos). Observamos, também, que as estudantes demonstraram atitudes linguísticas tanto positivas quanto negativas fundamentadas em suas crenças.

PALAVRAS-CHAVE: Atitude; Variação linguística; Língua espanhola; Formação docente.

ABSTRACT: In this study, our main objective is to evaluate the attitudes of Bahian students regarding the linguistic diversity of Spanish and point out the elements that may influence (or not) their attitudes during the training process. The study methodological design is qualitative and interpretive in nature. To develop I, we investigated 6 female students enrolled in a Spanish Language course offered by a public university located in Salvador/Bahia. The data were through questionnaires and interviews. As a result, we noticed that the study participants adopted the following criteria for judging the varieties of Spanish language: i) pronunciation (segmental and suprasegmental aspects of the language); ii) facility or difficulty of oral comprehension; and iii) cultural identification (access to film and music products from Hispanic countries). We also observed that the students revealed both positive and negative linguistic

attitudes based on their beliefs.

KEYWORDS: Attitude; Linguistic Variation; Spanish language; Teacher training.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa qualitativa – de iniciação científica – que tem por objetivo avaliar as atitudes de estudantes baianos no que tange à diversidade linguística do espanhol. Os objetivos específicos são: averiguar as atitudes dos aprendentes em questão, no que se refere às variedades dessa língua, durante a aprendizagem e identificar os elementos que podem influenciar (ou não) as suas atitudes ao longo do processo formativo.

A atitude linguística é um fenômeno investigado em diferentes campos do saber, como a Sociologia, a Psicologia, a Linguística Aplicada e a Sociolinguística, isto é, diversas áreas vêm se debruçando sobre os impactos das atitudes nas comunidades em geral (Lambert; Lambert, 1968). Dentre essas disciplinas (conforme mencionamos antes), temos a Sociolinguística Variacionista, que busca analisar as diferenças entre a maneira como os indivíduos utilizam a língua, assim como suas concepções sobre o comportamento linguístico dos outros interlocutores e de si próprio (Moreno Fernández, 2009).

Para os sociolinguistas, a relevância da pesquisa sobre atitudes consiste no fato de que elas, ademais de indicar diferentes visões para um melhor entendimento de uma comunidade, influenciam nos processos de variação e de mudança linguística. Além disso, afetam a escolha de uma língua em prejuízo de outra, assim como o processo de ensino-aprendizagem de línguas em uma comunidade (Gómez Molina, 1998; Blanco Canales, 2004; Moreno Fernández, 2009).

Moreno Fernández (2009, p. 177-181) define atitude linguística como uma demonstração do comportamento das pessoas na sociedade, caracterizada por focalizar e se referir essencialmente tanto à língua (considerando todas as suas variedades) quanto ao seu uso social. Ainda conforme o autor, as atitudes linguísticas são reflexos de atitudes psicossociais e podem ser estudadas desde dois pontos de vista diferentes: um mentalista (que a comprehende como um estado interior do sujeito, uma disposição mental no tocante às condições e aos fatos sociolinguísticos concretos) e outro condutista (que a interpreta como uma reação ou resposta a um estímulo, ou seja, a uma língua, uma situação ou alguns aspectos sociolinguísticos determinados). Em resumo, as atitudes linguísticas são compostas por uma valoração, um saber ou crença e uma conduta, que correspondem aos componentes afetivo, cognoscitivo e conativo, respectivamente.

Outro conceito fundamental, intimamente ligado à ideia de atitude, é o de crença.

Segundo a definição de Labov ([1972], 2008), citada por Sabadin (2013, p. 57), crença refere-se a "um conjunto consistente de atitudes em relação à linguagem compartilhadas por quase todos os membros de uma comunidade linguística, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada do idioma em questão". A autora destaca que as crenças de um falante sobre sua própria língua influenciam o que ele considera apropriado ou inadequado em relação a uma determinada variedade linguística e essas crenças tendem a favorecer a predominância de um determinado modo de falar.

Este texto está organizado em quatro seções. A Seção 1, *Introdução*, contextualiza o trabalho proposto. A Seção 2, *Diversidade linguística do espanhol*, expõe brevemente as variedades da língua espanhola e sua classificação por zonas geográficas. A Seção 3, *Metodologia e análise dos resultados*, caracteriza os procedimentos adotados neste trabalho e, com base nas informações coletadas, examina as atitudes linguísticas dos sujeitos pesquisados.

A Seção 4, *Considerações finais*, ressalta a necessidade de desenvolvimento de mais estudos experimentais — no Brasil — que versem sobre a diversidade da língua espanhola e seu ensino em diferentes contextos.

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO ESPANHOL

De acordo com os dados do Instituto Cervantes (2021), a língua espanhola é falada por mais de 500 milhões de pessoas, sendo o segundo idioma mais utilizado no mundo, depois do mandarim. O espanhol é a língua oficial de 21 países. São eles: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Ela também está presente em outros territórios, como as Filipinas, Belize, Andorra, Estados Unidos, como segunda língua.

Essa ampla quantidade de falantes é resultante da colonização, do ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) nas escolas, do comércio hispânico, bem como da sua presença na ciência, na cultura e nas plataformas digitais. Desse modo, acreditamos que o idioma não é homogêneo e possui diversas características. Em diferentes épocas, estudiosos, como Pedro Henríquez Ureña, José Pedro Rona e Francisco Moreno Fernández, entre outros, decidiram observar, analisar e catalogar as variedades linguísticas do espanhol.

Henríquez Ureña (1921) propõe um dos primeiros estudos sobre a língua espanhola no

continente americano. Em seu trabalho, ele defende que qualquer pesquisa desenvolvida sobre o espanhol nessa região deve abandonar — ainda que momentaneamente — as informações gerais; para o autor, toda generalização corre perigo de ser falsa. Diversos fatores, como o clima, a população, o contato com as línguas indígenas, as diferenças culturais e o maior ou menor grau isolamento, podem influenciar um idioma.

Em sua pesquisa, o investigador divide o espanhol americano em cinco zonas principais. São elas: i) regiões bilíngues do sul e sudoeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central; ii) as três Antilhas Espanholas (Cuba, Porto Rico, República Dominicana e a antiga parte espanhola de Santo Domingo), a costa e as planícies da Venezuela e o norte da Colômbia; iii) a região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, o Equador, o Peru, grande parte da Bolívia e talvez o norte do Chile; iv) grande porção do Chile; e v) Argentina, Uruguai, Paraguai e talvez parte do sudeste da Bolívia (Henríquez Ureña, 1921, p.41). A divisão proposta pelo pesquisador considera como critérios a proximidade geográfica, as relações políticas e culturais entre as localidades, assim como o contato com línguas indígenas. Para o estudioso, o que difere essas zonas são basicamente os elementos fonéticos e o léxico.

Por fim, Henríquez Ureña (1921) confirma que a língua espanhola presente no continente americano não é homogênea. Vale ressaltar que ele reconhece que sua proposta de classificação é provisória, posto que, naquela época, não havia pesquisas suficientes sobre as diferentes variedades que formam o espanhol americano.

Décadas mais tarde, Rona (1964) destaca, em seu texto, que diversos investigadores na área afirmavam que o espanhol americano é aparentemente homogêneo, sem conhecer — de fato — a língua espanhola presente nessa região. Segundo o autor, este se trata de um dos mitos que circulou e se conservou durante décadas, devido ao fato de que o contato entre os hispanofalantes ocorreu quase sempre em um nível cultural elevado ou semielevado, e nunca em um nível cultural baixo, principalmente quando as distâncias entre as duas variedades que se comparavam são relativamente amplas.

Rona (1964) esclarece que, apenas posteriormente, surgiram pesquisas no campo da dialetologia desenvolvidas de maneira adequada, isto é, com a aplicação de todos os requisitos e procedimentos metodológicos desta ciência. Assim, ele defende que não podemos mais aceitar a asserção de que o espanhol americano possui uma grande homogeneidade, uma vez que já é

possível ter acesso a dados linguísticos coletados entre os anos 50 e 60 do século XX.

O pesquisador argumenta que nenhuma das divisões propostas — até aquele momento — estava perto de ser realista; ele afirma que não são apenas cinco (ou seis, ou sete) famílias linguísticas americanas, conforme propôs Henríquez Ureña (1921). Pelo contrário; são mais de cem. Ademais, o castelhano não teve apenas contato com nahuatl, arahuaca, quéchua e guarani; houve contato, também, com línguas maias, tarasca, cacana, pampa, mapuche, entre outras. Rona (1964) também acrescenta não foi um “espanhol” que chegou ao Novo Continente; na verdade, chegaram à América diferentes falantes do espanhol, cada um com seu próprio dialeto. Logo, nenhuma emenda pode transformar a classificação proposta por seu antecessor em uma divisão adequada.

Para o estudosso, a classificação de Henríquez Ureña (1921) carece de uma análise direta da língua, com critérios objetivos, bem como da observação das influências de povos indígenas, das fronteiras políticas, entre outros fatores extralingüísticos, conforme podemos ler no seguinte trecho:

A mistura de povos em algumas zonas é um fato, mas este fato é etnológico ou sociológico, não linguístico. Afirmar o mesmo da mistura de línguas já não é um fato, ao contrário disso, é uma mera suposição que deveria ser confirmada mediante a observação direta da língua, que é precisamente o que falta na classificação de Henríquez Ureña¹ (Rona, 1964, p.66, tradução nossa).

Rona (1964) ainda assegura que um dialeto se define mediante um sistema de isoglossas, que são linhas ima ginárias² demarcadoras de alteração ou diferença fonética. Ele reforça que, na época em que Henríquez Ureña propôs o seu estudo, não havia dados suficientes para traçar isoglossas, com informações totalmente verdadeiras. Entretanto, Rona (1964) reconhece que as investigações do pesquisador dominicano foram úteis para que seus sucessores compreendessem e dessem continuidade às investigações sobre o tema, criando e modificando os mapas existentes. Essas cartas não têm valor atual, pois se mostraram errôneas ao apresentar informações de segunda, de terceira ou de quarta mão. Contudo, elas serviram para que outros

¹ Texto original: En efecto, es un hecho que haya habido mezcla de población en algunas zonas, pero este hecho es etnológico o sociológico, no lingüístico. Afirman lo mismo de la mezcla de lenguas ya no es un hecho, sino una mera suposición, que debería ser confirmada mediante la observación directa de la lengua, que es precisamente lo que falta en la clasificación de Henríquez Ureña. (Rona, 1964, p.66).

² Linhas imaginárias são regiões estabelecidas por fronteiras virtuais em um país sob o critério das variações dialetais. Linha que serve de demarcação geográfica a determinada alteração ou diferença fonética. (Dicionário informal).

teóricos se embasassem para propor atualizações.

Em seu trabalho, Rona (1964) divide a língua espanhola em zonas dialetais americanas, de acordo com a concentração de quatro características em comum na região. Ele indica fenômenos cujas isoglossas são conhecidas suficientemente bem para poder adotá-las. São eles: i) *zeísmo*³ (fenômeno fonético); ii) *yeísmo* (fenômeno fonológico); iii) *voseo* (fenômeno sintático); e iv) formas verbais que se utilizam com o pronome *vos* (fenômeno morfológico). Com base nos fenômenos descritos, o autor divide a língua espanhola no continente americano em 16 zonas puramente castelhanas, nas quais se pode observar os fonéticos e fonológicos mencionados. Ele ainda propõe uma segunda divisão que engloba sete regiões que não são puramente castelhanas, ou seja, áreas de dialetalismo crioulo com dialetos mistos e com a mistura com a língua portuguesa na parte sul da América do Sul, por exemplo.

A última proposta de divisão do espanhol em zonas dialetais — descrita neste texto — foi elaborada por Moreno Fernández (2017), conhecida como proposta *Pan-hispânica*. Para esse pesquisador, a língua espanhola é variada e necessita muito mais do que sete zonas para descrevê-la. Ela está presente em diversas regiões geográficas; cada uma tem sua história e suas variedades dialetais e geoletais.

A Espanha possui três variedades da língua: castelhana, andaluza e das Ilhas Canárias; segundo o pesquisador, a primeira é mais conhecida internacionalmente pelos professores de espanhol, sendo utilizada amplamente nos materiais de ensino e na própria literatura espanhola. No nível fônico, as variedades linguísticas presentes nesse território são parecidas com as americanas, mas é no léxico que possuem diversos vocábulos singulares, desconhecidos ou pouco conhecidos na América.

O espanhol americano não é um só, e sim um conjunto de variedades. No entanto, se pode perceber alguns traços linguísticos que são comuns a todos, tais como: o uso do *seseo*⁴; o uso do *yeísmo*⁵; o uso do pronome *ustedes* no lugar de *vosotros*, em situação informal; o uso de *recién* con verbos (*recién llegó* / acabou de chegar); o uso de *estar* para expressões adjetivas de idade (*cuando estábamos chiquitos* / quando éramos crianças); a presença de diminutivos

³ Zeísmo é um fenômeno fonético em que os fonemas /ll/ e /y/ são realizados como sons fricativos ou africados palatais, podendo ser sonoros ou surdos (RONA, 1964).

⁴ O *seseo* é um fenômeno linguístico típico no discurso oral dos países latino-americanos e algumas regiões espanholas, consiste em pronunciar o C (quando está ligado ao E ou ao I) e o Z como o S.

⁵ O *yeísmo* é um fenômeno da língua espanhola no qual o *ll* (equivalente ao *lh* do português) é pronunciado como o *y* (*ípsilon ou i grego*). Por exemplo, dizer *cabayo* em vez de *caballo*.

afetivos com advérbios ou gerúndios (*corriendito* / correndinho; *ahorita* / agorinha); o uso adverbial dos adjetivos (*habla lindo* / fala lindo) ou a tendência ao uso reflexivo em verbos como *enfermarse* (*me enfermé* / estou doente). Ademais, se observa o uso de palavras geradas de léxico indígena, americano, africano, etc.

Diversas diferenças léxicas entre Espanha e América surgiram na história da língua espanhola própria desta última área geográfica; outras se originam na Espanha, mas têm adquirido na América maior força e presença. As variedades linguísticas do espanhol americano possuem a influência de outras línguas circunvizinhas, como as línguas indígenas. Contudo, de modo geral, os indigenismos também podem ser observados no espanhol peninsular, assim como os afronegrismos. Em consequência disso, Moreno Fernández (2017, p.51) esclarece que “o que em um lugar é ingênuo, em outro pode ser ofensivo”. Assim, segundo o autor, muitas palavras que são faladas na Espanha, de maneira inocente, podem ser tabus na América (um exemplo é o verbo *coger*, que na maior parte da América tem o sentido ‘ter relações sexuais’). Na Espanha, esse mesmo verbo tem o significado de ‘pegar algo; apanhar; carregar’.

Em seu trabalho, o pesquisador também descreve a língua espanhola presente no território norte-americano, na Ásia e na África. Em termos gerais, as variedades hispânicas chegadas aos Estados Unidos da América (EUA) têm oferecido duas modalidades: as variedades cultas, que costumam ter uma procedência urbana, e as variedades populares, que costumam ter origem rural, ainda que também possam ser urbanas. Segundo Moreno Fernández (2017), essas diferenças sociolinguísticas podem estender-se naquele país a depender do nível socioeconômico e cultural dos imigrantes assentados na região.

No continente africano, a língua espanhola é mais ensinada, aprendida e utilizada como meio de comunicação na região do Magrebe (região noroeste da África que engloba Marrocos, Argélia, Mauritânia, Tunísia, Líbia, e Saara ocidental) e Guiné Equatorial. Em linhas gerais, o espanhol magrebe tem traços de origem andaluz, porém contém também influências dos dialetos árabes. Na Ásia, o espanhol mais conhecido é o de Filipinas. Entretanto, nessa região, ainda existe o judeo-espanhol; uma língua semelhante ao castelhano que se encontra em processo de extinção.

Por fim, é importante ressaltar que outros pesquisadores contribuem — de modo significativo — nas discussões sobre a diversidade linguística do espanhol. Como exemplos, citamos Fontanella de Weinberg (1993), que propõe uma obra que oferece um panorama do espanhol americano, abordando seu desenvolvimento histórico, características atuais e

influências de outras línguas. Fanjul (2004), por sua vez, descreve a questão da variação linguística nas línguas portuguesa e espanhola, com foco nas necessidades de denominação no ensino de línguas estrangeiras, principalmente nas áreas urbanas da América do Sul. Já Pinto e Carlos (2022) discutem como abordar a diversidade linguística do espanhol no ensino de línguas no Brasil, três décadas após a formação do Mercosul.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este trabalho estabelece uma interface entre a Sociolinguística (que incorpora o estudo das atitudes) e a Linguística Aplicada, se constrói com base na abordagem qualitativa e envolve a pesquisa etnográfica (Lüdke; André, 1986; Cançado, 1994). Para desenvolvê-lo, nos embasamos ainda em textos clássicos do campo da Dialetologia Hispânica (Henríquez Ureña, 1921; Rona, 1964; Moreno Fernández, 2017).

O estudo foi realizado em uma universidade pública do estado da Bahia, localizada na cidade de Salvador. Para elaborá-lo, contamos com a participação de seis estudantes ingressas no Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola e Literaturas, do gênero/sexo feminino, com idades entre 20 a 36 anos, nascidas e residentes no estado da Bahia. Todas estavam matriculadas no 6º período do curso e haviam concluído a disciplina ED0105 – Língua Espanhola Avançado II, completando 540 horas de estudo do idioma, na graduação.

A fim de preservar a identidade do grupo investigado, identificamos as participantes pelos seguintes nomes fictícios: Noemi, Vitória, Tânia, Layla, Isabela e Fernanda. Vale ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos para ser realizada (Número do Parecer Consustanciado do Comitê de Ética em Pesquisa, número 5.359.050).

Recolhemos os dados para esta pesquisa por meio de entrevistas individuais, semiestruturadas, com duração de aproximadamente 7 minutos, realizadas pela Plataforma *Zoom*. Nesta etapa (desenvolvida nos meses de setembro e outubro de 2020), utilizamos um roteiro pré-estabelecido a fim de que outras perguntas pudessem ser acrescentadas conforme as respostas concedidas pelas estudantes. Após a realização das entrevistas, as participantes ainda responderam a um questionário eletrônico (elaborado no Google Forms) composto por 8 perguntas abertas e 12 fechadas (nesta ordem), bem como duas tarefas de compreensão oral (audição) que tinham como propósito captar as impressões, julgamentos e avaliações dos

participantes da pesquisa em relação à diversidade da língua espanhola.

Para elaborar o questionário, recorremos ao método *verbal-guise test*⁶ adaptado de Agheyisi e Fishman (1970). As atividades propostas nesse instrumento foram construídas com base em quatro áudios de falantes de espanhol como primeira língua: espanhol, argentino, mexicano e colombiano. Escolhemos estas variedades da língua espanhola devido ao fato de que estão presentes em diferentes espaços geográficos e também pela disponibilidade desses sujeitos em fazer as gravações. No que diz respeito ao conteúdo dos áudios, todos os locutores narraram seu dia a dia durante a pandemia da Covid-19. Os questionários foram aplicados no mês de novembro do mesmo ano.

O processo de análise de dados segue o viés da abordagem qualitativa. De acordo com Cançado (1994, p. 58), esse enfoque de estudo envolve “ler e reler as transcrições para obter o sentido do todo; reler, levantando as regularidades, buscando o aprimoramento do foco da pesquisa; indexar os dados para arquivá-los e relacionar esses dados com o foco central da investigação”. Após esses procedimentos, passamos para a interpretação das análises. Ademais, vale pontuar que as informações analisadas neste estudo pertencem ao banco de dados do projeto de pesquisa mencionado na introdução.

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Nas questões A, B, C, D, E e F do questionário, perguntamos às informantes se os falantes de espanhol pareciam ser pessoas decididas, educadas, atraentes fisicamente, dominadoras, inteligentes e seguras de si mesmo, respectivamente. Elas deveriam responder para cada pergunta “sim” ou “não”. Para essas questões, as estudantes investigadas apresentaram as seguintes atitudes: para a maioria das discentes (Vitória, Fernanda, Isabela, Tânia e Layla), os falantes argentino e espanhol parecem ser pessoas decididas. Duas delas (Noemi e Fernanda) acreditam que o locutor mexicano tenha essa característica. Todas as participantes supõem que o falante da variedade colombiana seja uma pessoa decidida.

As seis informantes julgam os locutores argentino e colombiano como pessoas educadas; cinco (Noemi, Vitória, Fernanda, Isabela e Layla) acreditam que o locutor da variedade mexicana tenha essa qualidade. Cinco entrevistadas (Tânia, Vitória, Fernanda,

⁶ Técnica por meio da qual se apresenta aos participantes da pesquisa gravações em áudio pertencentes a locutores de diferentes variedades dialetais de uma determinada língua, com o intuito de que eles atribuam valores e emitam suas percepções (concepções) e apreciações.

Isabela e Layla) atribuem essa característica ao falante espanhol.

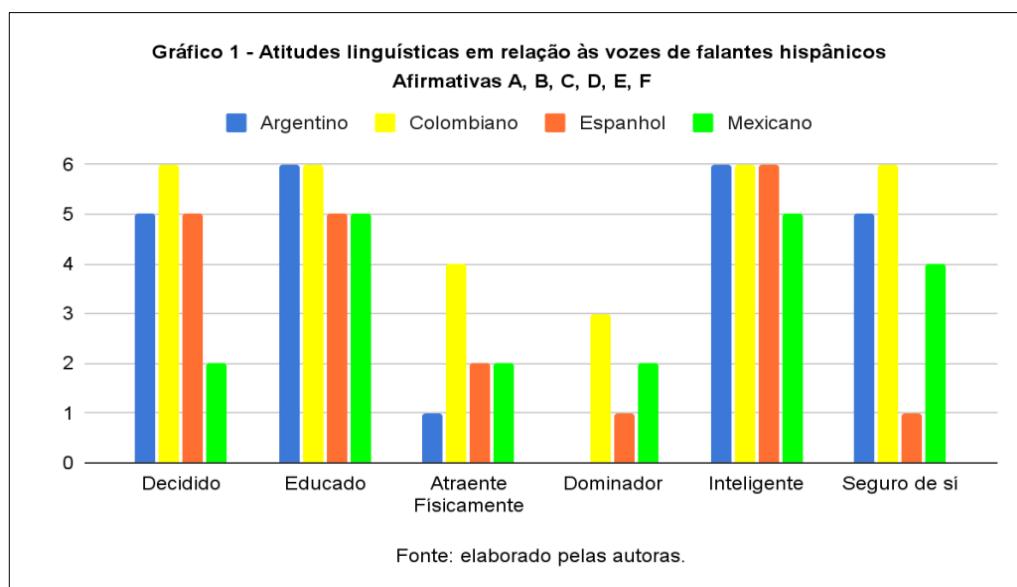
A maioria das participantes (Noemi, Vitória, Fernanda e Isabela) julga que o locutor colombiano seja atraente fisicamente. Duas delas (Noemi e Vitória) supõem que o falante mexicano tenha essa característica. Duas (Tânia e Vitória) atribuem essa qualidade ao falante colombiano. Apenas Noemi acredita que o locutor argentino seja uma pessoa atraente.

Para metade das informantes (Vitória, Isabela e Layla), o locutor colombiano parece ser uma pessoa dominadora. Duas delas (Isabela e Tânia) acreditam que o mexicano possui esse traço. Apenas Isabela atribui ao falante espanhol essa característica. Nenhuma participante da pesquisa avaliou o locutor argentino como dominador.

Para todas as participantes, os locutores argentino, espanhol e colombiano parecem ser pessoas inteligentes. A maioria (Noemi, Vitória, Fernanda, Tânia e Layla) supõe que o falante mexicano tenha essa qualidade. No que tange ao quesito *seguro de si*, todas consideram que o locutor colombiano possui essa característica. Cinco delas (Vitória, Fernanda, Isabela, Tânia e Layla) supõem que o argentino tem esse atributo. Quatro (Noemi, Fernanda, Layla e Tânia) avaliam que o falante mexicano seja alguém seguro. Somente Fernanda supõe que o locutor espanhol tenha esse traço.

Em seguida, apresentamos o Gráfico 1, que representa as informações descritas acima, considerando o total de respostas fornecidas pelas informantes, em termos numéricos.

Gráfico 1 – Atitudes linguísticas



Nas perguntas G, H, I, J, K e L do questionário (constituídas por questões abertas),

perguntamos às estudantes que vozes dos falantes hispânicos pareciam ser mais bonitas, menos bonitas, mais fortes, mais elegantes, mais fluidas e menos fluidas, respectivamente. Para essas questões, as informantes demonstraram as atitudes que descrevemos nos parágrafos seguintes.

Com relação à variedade argentina, Isabela a avalia como a mais bonita por causa do ritmo da fala “melhor”. Por outro lado, Noemi e Vitória a consideram como a menos bonita e menos fluida; segundo elas, o locutor realiza muitas pausas na fala e aparenta ser alguém inseguro. Fernanda e Tânia julgam o falar argentino como a mais forte, devido à presença de alguns fenômenos linguísticos (*o yeísmo*). Isabela aponta essa variedade como a mais elegante e a mais fluida, devido a “muita harmonia e sorriso na voz” e à facilidade de compreensão.

No que se refere à variedade colombiana, Fernanda e Vitória a julgam como a mais bonita por causa do tom, do ritmo e da transmissão de confiança; Noemi a avalia como a mais forte, em função da entonação da voz. Já Vitória a qualifica como a mais elegante e mais fluida, porque “soa como música ritmada e bem expressa”; Tânia também considera que a fala colombiana possui maior fluidez, porque, em sua visão, contém palavras semelhantes às da língua portuguesa falada no Brasil. Nenhuma informante aponta esse falar como menos bonito e menos fluido.

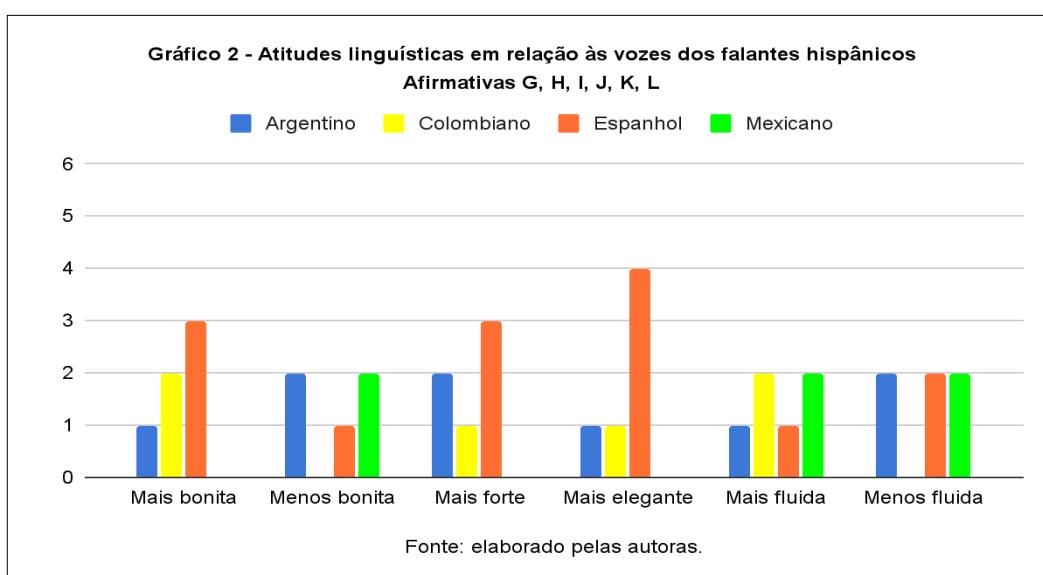
No que concerne à variedade espanhola, Noemi a avalia como a mais bonita, mais elegante e mais fluida, por causa do sotaque, do emprego de palavras próprias desse dialeto, e por não apresentar “muitos espaços entre as frases”, isto é, muitas pausas. Layla também considera essa variedade como a mais bonita, mais forte e mais elegante. Entretanto, a informante avalia esse falar como o menos fluido — por causa do sotaque — e por ser um “espanhol mais fechado”. Em outras palavras, em sua visão, ele é de difícil entendimento. Tânia também a julga como a mais bonita e a mais elegante, porém, por causa da “sensualidade na voz”.

Fernanda — ao contrário de Noemi, Layla e Tânia — avalia a variedade espanhola como a menos bonita. Apesar de julgar o dialeto elegante, a informante considera esse falar como o menos fluido. Ela justifica sua apreciação, afirmando que não tem apreço pela pronúncia da consoante interdental /θ/, que é característico desse dialeto. A estudante alega que não está acostumada com esse som, porém avalia que a forma que “o falante pronuncia as palavras tornam a língua-alvo elegante”. Vitória e Isabela julgam essa variedade como a mais forte, por conta da articulação da consoante /s/.

A variedade mexicana não é avaliada como a mais bonita, a mais forte, nem a mais

elegante por nenhuma das participantes da pesquisa. Isabela e Tânia julgam esse dialeto como o menos bonito e menos fluido por apresentar — em sua visão — uma fala lenta, fora de ritmo, confusa e com muitas pausas. Ademais, em sua visão, o locutor sugere ser um pouco arrogante. Layla também aponta essa variedade como a menos bonita, porém ressalta que a fala parece mais fluida, devido à semelhança com o português. Em sua concepção, o sotaque mexicano parece mais “aberto” e de fácil entendimento. Assim como Layla, Fernanda avalia o dialeto mexicano como o mais fluido, uma vez que o falante pronuncia pausadamente cada palavra. Em seguida, expomos o Gráfico 2, o qual ilustra as informações descritas anteriormente, considerando o total de respostas fornecidas pelas informantes, em termos numéricos.

Gráfico 2 – Atitudes linguísticas



Em síntese, segundo os Gráficos 1 e 2, bem como as respostas abertas do questionário, as variedades que mais despertaram atitudes negativas nas participantes da pesquisa foram a argentina e a mexicana, devido a diferentes fatores. De modo geral, elas alegaram dificuldade de compreensão oral, por causa da pronúncia dos sons e do sotaque dos interlocutores, e também devido à velocidade de elocução. Vale ressaltar que, no nível gramatical, a variedade rio-platense contém o *voseo*, que — em nossa visão — ainda é pouco explorado nas aulas de ELE em comparação com a variante “*tú*”. Venâncio da Silva e Alves (2002, p. 5), em seu estudo, observaram o mesmo em relação a este fenômeno. Segundo eles, o *voseo* é negligenciado nas aulas de espanhol no Brasil devido a preconceitos e à crença de que se trata

de um regionalismo. No entanto, os autores demonstram em seu trabalho que o *voseo* é utilizado em diversos países de língua espanhola e possui um número significativo de falantes em comparação com aqueles que utilizam a variante “tú”.

Por outro lado, as variedades linguísticas mais bem avaliadas foram a espanhola e a colombiana, em função da pronúncia comprehensível dos sons, do sotaque e da velocidade adequada de locução. Supomos que esse resultado se justifica devido ao maior contato das informantes com o espanhol peninsular durante as aulas na universidade. Desse modo, lhes soa mais familiar e fácil de compreensão. Os resultados deste estudo possuem semelhanças com os observados no trabalho conduzido por Salomão e Meneghini (2014), realizado em um curso híbrido de formação continuada, em relação às crenças dos professores sobre as variedades regionais da língua espanhola.

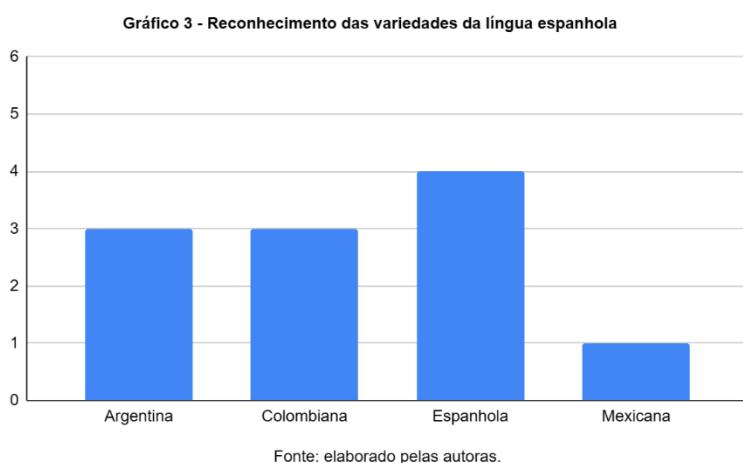
As autoras acima mencionadas enfatizam que a escolha por uma determinada variedade muitas vezes está relacionada às concepções estruturais da língua, assim como é influenciada por uma complexa interação de fatores que revelam uma falta de consciência das diferentes perspectivas que docentes pesquisados adotam para justificar suas escolhas teórico-metodológicas. No que tange à variedade colombiana, acreditamos que foi apreciada positivamente neste estudo em razão da identificação das participantes com aspectos culturais do país; neste caso, o contato se dá por meio de artefatos artísticos disponíveis da *internet*.

Na segunda etapa, as participantes escutaram os mesmos áudios apresentados na atividade anterior. Nesse momento, nosso objetivo era avaliar se elas conseguiriam identificar ou não o país de procedência dos falantes de espanhol como língua materna.

A pesquisa resultou no seguinte: três informantes (Vitória, Fernanda e Tânia) identificaram a variedade argentina, porém Noemi acreditou que era de Cuba, Isabela, do Chile, e Layla, da Espanha. Noemi, Isabela e Layla identificaram o dialeto colombiano; no entanto, Vitória, Fernanda e Tânia supunham que era do México. A maioria das informantes reconheceu a variedade espanhola (Vitória, Isabela, Fernanda e Tânia); Noemi acreditou que era da Argentina e Layla, da Nicarágua. Apenas Noemi reconheceu a variedade mexicana; Vitória e Fernanda julgaram que era da Colômbia; Isabela acreditou ser do Peru; Tânia, do Chile e Layla, do Paraguai. Em seguida, apresentamos o Gráfico 3, o qual representa as informações descritas,

considerando o total de respostas corretas dadas pelas participantes do estudo.

Gráfico 3 – Reconhecimento das variedades.



Em resumo, a variedade mais reconhecida pelas participantes foi a espanhola; acreditamos na hipótese de que esse dialeto é o mais fomentado em sala de aula tanto pelos professores quanto pelos materiais didáticos adotados nas aulas, desde o primeiro momento de estudos. Sobre esse aspecto, com base nas palavras de Kraviski (2007), Trajano dos Reis (2022) ressalta, em sua pesquisa, que é inegável a escassa evolução dos manuais didáticos atuais destinados ao ensino do espanhol, em especial no Brasil. Apesar do avanço das discussões sobre a importância de aprimorar a integração com os países latino-americanos, muitos livros adotados nas escolas e até mesmo os produzidos internamente ainda mantêm predominantemente a perspectiva linguística do espanhol madrileno, relegando a notas ou observações os aspectos específicos do espanhol falado na América e suas variedades.

Durante a pesquisa, observamos que duas participantes (Vitória e Fernanda) confundiram as variedades colombiana e mexicana, apesar da demonstração de apreço que elas têm por esta última variedade. Supomos que, para poder reconhecer ambas as variedades, seria necessária uma convivência mais intensa com ambos os falares (dialetos).

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na entrevista, perguntamos às informantes se elas tinham preferência por alguma variedade da língua espanhola (ou não) e que justificassem suas opiniões. Em resposta, Vitória afirma estar em dúvida entre a variedade argentina e mexicana; ela tem apreço pelas duas, por terem um “ritmo meio acelerado” e por escutá-las com maior frequência, como podemos ver

no seguinte excerto:

Fragmento 1: [...] o do México, o mexicano... O da Argentina, um pouco, porque **eu estou escutando demais** [...] **Os que são muito rápidos**, sabe? Que consegue **ter um ritmo, assim, meio acelerado**. Eu, eu consigo... Eu acho que eu me saio melhor, eu gosto mais. É como se fosse um desafio (Vitória, entrevista, grifo nosso).

Layla afirma gostar da variedade colombiana, por ser de fácil compreensão, elegante e bonito, bem como da variedade espanhola por ser supostamente perfeito e correto, conforme podemos avaliar neste fragmento:

Fragmento 2: Eu gosto muito de conversar assim com o colombiano, porque o espanhol deles é tão clarinho; a gente conversa, assim, eu entendo tudo perfeitamente, [...], eu acho, assim, elegante e bonito [...]. O espanhol, assim, da Espanha. É tudo perfeitinho, tudo certinho eu acho. (Layla, entrevista).

Entretanto, ressaltamos que Layla não emite nenhuma opinião em relação a essa variedade na pergunta aberta do questionário. Já Tânia tem apreço por diversas manifestações linguísticas do idioma. Ela afirma se identificar com a música produzida em alguns países latino-americanos. Entretanto, a variedade preferida da informante é a mexicana, segundo podemos ler no seguinte trecho:

Fragmento 3: Gosto muito mais daqui, da América Latina, [...] México e, agora, a República Dominicana [...]. **O espanhol mexicano eu... eu me identifico bastante**. [...] **E um pouco do colombiano**, por causa de música, né? Os *reggaetons* e tal, que são mais da parte de Colômbia, Porto Rico... **Mas, na preferência, o que eu gosto**, assim, de ouvir, eu acho, é **o espanhol mexicano**. (Tânia, entrevista, grifo nosso).

Isabela demonstra atitude positiva em relação ao espanhol caribenho (representado pela Colômbia) e também à variedade produzida na região do México (apesar de não apresentar um motivo específico). No entanto, ela afirma que se sente mais confortável quando se comunica utilizando a variedade peninsular, pois foi com a qual teve mais contato durante a aprendizagem do idioma. Em sua visão, o espanhol europeu possui um ritmo mais “lento”. Ademais, observamos no discurso de Isabela a falta de clareza em relação ao conceito de espanhol neutro, como podemos ver neste excerto:

Fragmento 4: Pra eu entender, pra eu ouvir, eu acho que eu **entendo melhor o espanhol peninsular**, o lado europeu, **porque o ritmo parece que é... é menor, mais devagar**. [...] **eu acho o espanhol colombiano bonito**, muito bonito também, assim. Mas pra falar, como eu aprendi mais o peninsular ou da Europa, o da Espanha. É, é universal, universal, não, né? Acho que teve até um estudo sobre isso. É o neutro, **mas**

o neutro seria um neutro mesmo? [...] O mexicano, também eu gosto muito do México. A variante do México. (Isabela, entrevista, grifo nosso).

Sobre este assunto, pontuamos que, nas áreas educativas e midiáticas, são comuns as referências a um espanhol "neutro", "padrão" ou "internacional". No entanto, Fanjul (2011) adverte que esses termos geralmente não refletem processos reais de normalização linguística e frequentemente resultam de um conhecimento limitado da situação do espanhol e de seus instrumentos linguísticos. O termo "neutro", segundo o autor, está vinculado às exigências práticas de setores como a mídia e o comércio de bens e serviços. Profissionais de tradução utilizam essa expressão para vender seus produtos sem enfrentar rejeição em nenhum dos países de língua espanhola, entre outros objetivos (Fanjul, 2011, p. 324). Por último, o estudioso afirma que, apesar da existência de projetos de pesquisa acadêmicos que buscam estudar e avaliar esse tema em fóruns de disseminação da política pan-hispânica, atualmente, não têm por objetivo uma ação de padronização. Ponte (2013), em seu texto, também levanta questionamentos sobre a realidade concreta dessa suposta variedade geral, sugerindo que sua existência parece ser mais uma promoção de uma ideia do que uma realidade tangível.

Assim como Vitória, Fernanda também demonstra preferência pelo espanhol falado no México, devido ao sotaque. Ela afirma que sempre teve proximidade com essa variedade por meio dos produtos culturais produzidos naquele país — como novelas e músicas — desde a adolescência. Além disso, a participante declara que teve a oportunidade de aprofundar o seu contato com a variedade mexicana durante as aulas na universidade ministradas por um professor que a utilizava em classe, conforme observamos na seguinte declaração:

Fragmento 5: Eu mais gosto do espanhol do México, porque eu sempre tive contato, né? Com tudo do México, né? Novelas mexicanas, grupo mexicano, né? RBD (risos). **O professor tem... o sotaque dele é do México.** Eu sempre ficava, assim, ligada nas palavras que ele falava. [...]. Então, o do México, me chama mais atenção. [...] É... justamente... é a paixão mesmo. **É que eu cresci ouvindo o espanhol mexicano, né?** Assistindo a novelas, novelas em espanhol, mesmo sem legendas, assim. Então, sempre me forcei a ouvir e entender o **sotaque** deles. Desde nova, assim, desde a adolescência. (Fernanda, entrevista, grifo nosso).

Sobre as variedades da língua espanhola menos apreciadas, a mais citada pelas participantes foi o espanhol argentino, por diferentes razões. Ao apreciar o resultado, avaliamos que este apresenta algumas semelhanças com os achados da pesquisa de Bugel e Santos (2022), que tem como propósito analisar as atitudes e representações de aprendizes brasileiros de

espanhol língua estrangeira em relação ao espanhol rioplatense/argentino e ao espanhol peninsular. Mediante a aplicação de questionários, as pesquisadoras avaliaram que o espanhol peninsular concentrou as maiores porcentagens de respostas positivas, e os argentinos, na maior parte dos casos, obtiveram resultados mais altos nas respostas negativas.

Neste estudo, a variedade argentina recebeu uma avaliação negativa de Tânia, Isabela e Fernanda, por causa da dificuldade de compreensão, devido à articulação de alguns sons e ao uso de gírias, conforme podemos observar nos seguintes fragmentos:

Fragmento 6: Argentina. Não gosto muito do... da... do “chá” [ʃa] “chá” [ʃa] **Não gosto de ouvir**, mas nada contra. **Eu não me identifico**. A que eu menos me identifiquei foi a variedade Argentina, **por causa da pronúncia**. (Tânia, entrevista).

Fragmento 7: Acho que é por causa do chiado. Eles usam também **muita gíria**, né? Muita, muita, muita, é... Aí fica difícil, né? Pra compreender. (Isabela, entrevista).

Fragmento 8: Pode ser estranho assim pra mim, que soa mais diferente é o da Argentina, mas é por causa, justamente por causa do “xo” [ʃo]; aquela questão do que eles puxam, assim bastante... Mas, assim, não que eu não goste, mas é o que **eu acho**, assim, que soa, para mim, mais estranho. Eu não me identifico. (Fernanda, entrevista).

As variedades chilena e mexicana foram apontadas como as menos apreciadas por Layla. A participante admite ter dificuldade de compreensão, em virtude da suposta rapidez da fala dos chilenos e dos mexicanos, conforme observamos na seguinte declaração:

Fragmento 9: Eu acho mais difícil a compreensão, [...]. Tem o pessoal do Chile. Se eu não me engano, é Chile e México, falam muito rápido, muito rápido. Tá falando “tererere” e aí eu não consigo acompanhar. (Layla, entrevista).

Assim como Layla, Isabela também demonstra atitude negativa em relação à variedade chilena. Segundo a participante, os chilenos são pessoas presumidas e altivas. Ao analisar o seu discurso, acreditamos que a avaliação de Isabela está fundamentada em crenças que circulam a respeito do país, conforme observamos na seguinte declaração:

Fragmento 10: Tem o Chile, [...] porque **eu acho que eles se sentem a... a cereja do bolo aqui, na América do Sul. Foi alguma fofoca que eu vi na internet**. Eles se acham, é... melhor em tudo. Eu tive essa concepção, não sei se é porque eles são mais ricos, né? Mais organizados, não sei, mas teve alguma fofoca que eu vi, aí eu falei, o Chile se acha né? (Isabela, entrevista, grifo nosso).

Após a análise das informações geradas para esta pesquisa, tecemos nos parágrafos

seguintes algumas reflexões sobre o tema proposto, considerando o referencial teórico que o fundamenta. Em linhas gerais, avaliamos que as informantes utilizam a pronúncia (tanto aspectos segmentais quanto suprasegmentais), o nível de compreensão oral, a identificação cultural e o prestígio como critérios de julgamento das variedades da língua espanhola. Esses resultados são semelhantes aos achados da pesquisa de Souza e Gomes (2022). No estudo proposto, as autoras observaram que os sujeitos investigados possuíam preferências pela variedade rio-platense em detrimento de outras. A análise demonstrou que os participantes do estudo foram influenciados principalmente por fatores de natureza fonética e fonológica, como o tempo/duração da elocução e o ritmo da fala dos locutores hispanofalantes.

Observamos, também, que as informantes revelaram atitudes e escolhas por determinadas variedades com base em crenças (como, por exemplo, Isabela), confirmando o que diz Sabadin (2013, p.64) no seguinte trecho:

A escolha linguística mostra as atitudes com que se justificam as crenças. Assim, mais que um veículo para expressar ideias, pode restringir o pensar, tendo em vista que a mídia dissemina o que é *fashion*, quer seja na forma de falar, de comportamento social ou vestuário e algumas pessoas reproduzem esse comportamento sem sequer refletir em seu uso.

Supomos que a variedade mexicana obteve maior prestígio por ser uma das mais veiculadas por meio de novelas, de músicas, entre outros meios de difusão. Deste modo, as participantes desse estudo afirmaram a identificação com essa variedade. No entanto, observamos um dado curioso: apenas uma participante foi capaz de reconhecê-la no teste de compreensão oral. Por outro lado, com base nos dados analisados, percebemos que a variedade argentina foi a que despertou mais atitudes negativas; nossa hipótese é que as informantes têm ou tiveram pouco contato com a variedade rio-platense durante as aulas na graduação, tanto por meio de materiais didáticos quanto por incentivo dos professores.

Sabemos que, apesar da crescente melhora na produção de materiais didáticos voltados para o ensino de ELE, boa parte deles ainda tem como foco o espanhol peninsular, em particular, o espanhol castelhano. Outra possibilidade seria o fato de as informantes não terem proximidade nem apreço pelas produções culturais midiáticas da Argentina.

Em linhas gerais, após a análise dos dados coletados (por meio de entrevistas e de questionários), avaliamos que as atitudes linguísticas das participantes envolveram a presença dos três elementos indicados por Moreno Fernandez (2009), isto é, os componentes afetivo

cognoscitivo e conativo. Esses elementos são facilmente identificáveis nas respostas dos participantes. Conforme apontado por Aguilera (2008), as atitudes linguísticas surgem em resposta ao uso de uma determinada variedade linguística por indivíduos ou grupos, podendo ser favoráveis ou desfavoráveis. Nesta pesquisa, verificamos que todas as participantes expressaram suas preferências em relação a diferentes variedades do espanhol, revelando tanto atitudes favoráveis quanto desfavoráveis.

Em outras palavras, em nossa visão, elas atribuíram valores bem como relevaram saberes, crenças e condutas diante das variedades linguísticas apresentadas. Avaliamos que todas as informantes deram evidências de suas preferências no que tange à diversidade linguística do espanhol, revelando atitudes positivas e negativas (Gómez Molina, 1998; Blanco Canales, 2004; Moreno Fernández, 2009). Deste modo, observamos que o resultado desta pesquisa está de acordo com a afirmação de Sabadin (2013): quando ressalta que as convicções de um falante sobre determinado idioma afetam sua percepção do que é apropriado ou inadequado em relação a uma variedade linguística específica, e essas convicções tendem a promover a prevalência de um modo particular de expressão.

Enfim, entendemos que as atitudes linguísticas são apontadas como manifestações e escolhas sociais acerca do *status* e do prestígio dos usuários. No entanto, neste trabalho, analisamos que esses elementos não exerceram influência nas predileções das estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionamos na introdução, o principal propósito deste estudo foi avaliar as atitudes de estudantes baianos de ELE no que diz respeito à diversidade linguística. Os objetivos específicos foram: averiguar as atitudes linguísticas desses aprendentes, no que se refere a algumas variedades linguísticas do idioma, ao longo do processo de aprendizagem; e avaliar os fatores que podem estar por detrás delas, facilitando-as, e se podem influenciar (ou não) a formação desses sujeitos.

Neste artigo, revisamos brevemente o conceito de atitude linguística e discorremos sobre a diversidade da língua com base em diferentes estudos oriundos do campo da Dialetologia Hispânica. Por fim, analisamos as informações coletadas dos sujeitos pesquisados.

Ao longo do trabalho, apreciamos a necessidade de ampliação de pesquisas acerca da diversidade linguística do espanhol no Brasil. Ao fazer um levantamento no Banco de Teses da

CAPES, observamos que a maior parte dos trabalhos elaborados ainda dá mais ênfase ao ensino da variação da língua espanhola, deixando em segundo plano a sua aprendizagem.

Acreditamos que os resultados observados neste estudo — ainda que iniciais — poderão auxiliar os aprendentes de espanhol a compreender melhor a língua espanhola no que diz respeito à sua diversidade. Ademais, supomos que os achados desta pesquisa poderão beneficiar tantos os professores de espanhol em formação inicial quanto os profissionais já graduados, uma vez que observa que as atitudes linguísticas dos indivíduos são manifestações psicossociais e podem fundamentar-se, em diversas ocasiões, em suas crenças e saberes.

Para finalizar, ressaltamos a necessidade de expansão dos estudos experimentais — no contexto brasileiro — que tratem acerca das variedades da língua espanhola no processo de ensino e/ou aprendizagem desse idioma.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas:** o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

AGHEYISI, Rebecca.; FISHMAN, Joshua. **Language Attitude Studies: A Brief Survey of Methodological Approaches.** *Anthropological Linguistics*, v. 123, n. 5, p. 137-157, 1970.

BLANCO CANALES, Ana. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares.** Alcalá de Henares, Madrid. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BUGEL, Talia.; SANTOS, Hélida Scutti. As atitudes e representações do espanhol no Brasil e a expansão das indústrias da língua no país. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 74, p. 149–185, 2023. DOI: 10.9771/ell.i74.51753. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/51753>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 23, p. 55-69, IEL/UNICAMP, Campinas, jan./jun.1994.

CENTRO VIRTUAL CERVANTES. **El español: una lengua viva.** Informe 2021. Instituto Cervantes, 2021. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_21/informes_ic/p01.htm> Acesso: 14/04/2024.

FANJUL, A. “Policêntrico” e “Pan-hispânico”: deslocamentos na vida política da língua espanhola. In.: LAGARES, X. C. & BAGNO, M. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2001. pp. 299-331.

FANJUL, Adrián Pablo. Português brasileiro, espanhol de... onde? Analogias incertas, **Letras & Letras**, n. 20, p. 165-183, 2004.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **El español de América.** 2 ed. Madrid: Mapfre, 1993.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidiálectal: área metropolitana de Valencia. Anejo n.o XXVIII de la **Revista Cuadernos de Filología. Valencia**, Universitat de Valencia, 1998.

HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. Observaciones sobre el español de América, [S.l.: s.n.], 1921. In: MORENO FERNANDEZ, F. (Ed.). **La división dialectal del español de América.** Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993, p. 39-62.

KRAVISKI, Elys Regina Andretta. **Estereótipos culturais:** o ensino de espanhol e o uso da variante argentina em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Letras – Curso de Pós-

Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná), Curitiba, 2007.

LABOV, William. [1972]. **Padrões Sociolingüísticos**. William Labov: tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, Editorial, 2008.

LAMBERT, Willian W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicología social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2009. p. 177- 190.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. La lengua española y sus variedades. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. 2017. 2^a ed. Arco/Libros, S. L. p. 47-86.

PINTO, Carlos Felipe; CARLOS, Valeska. Gracioso. A Diversidade do espanhol atual no ensino da língua no Brasil 30 Anos após a criação do Mercosul. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 74, p. 186–215, 2023. DOI: 10.9771/ell.i74.51801. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/51801>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PONTE, Andrea. **General, globalizada, neutra, panhispánica e transnacional**: la lengua, muitos nomes, um produto. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, São Paulo: 2013.

RONA, José Pedro. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. [S.l.: s.n.], 1964. In: MORENO FERNANDEZ, F. (Ed.). **La división dialectal del español de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993, p. 63-75.

SABADIN, Marlene Neri. **Crenças e Atitudes Linguísticas: Aspectos da realidade na Tríplice Fronteira**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

SALOMÃO, Ana Cristina B.; MENEGHINI, Carla Mayumi. Crenças, pressupostos e conhecimentos de professores em serviço sobre língua(gem) em um curso de formação continuada. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 272–297, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17434>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SOUZA, Cyndi Amanda Araújo de; GOMES, Aline Silva. Analisando as crenças e atitudes linguísticas de professores brasileiros de espanhol em formação inicial. In: **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 34, p. 15-33, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/38110>. Acesso em: 22 abr.

2024.

TORRES, Antonio Torres. Del castellano de «um pequeño rincón» al español internacional. **Normas. Revista de Estudios Linguísticos Hispánicos**, N°3, p. 205-224, set. 2013. Disponível em: https://www.uv.es/normas/2013/ARTICULOS/Torres_2013.pdf. Acesso em: 22 abr. 2024.

TRAJANO DOS REIS, Patrícia. **A diversidade da língua espanhola e o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos do ensino médio (PNLD–2018)**. 2022.135f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

VENÂNCIO DA SILVA, Bruno Rafael C; ALVES, Rosemery da Silva. **El voseo en los libros didácticos de E/LE en Brasil**. Boletín de la Asociación Argentina de Docentes de Español. N.º 25; noviembre-diciembre, 2007.

Recebido em: Fev. 2024.
Aceito em: Abr. 2024.